

A guerra de Putin

UE destrava acordo para liberar 50 bilhões de euros para Ucrânia

Veto da Hungria vinha impedindo a unanimidade necessária para aprovar o pacote de ajuda aos ucranianos

WASHINGTON

Líderes dos países da União Europeia chegaram ontem a um acordo para liberar 50 bilhões de euros (cerca de R\$ 270 bilhões) para a Ucrânia, que estavam bloqueados pela Hungria desde dezembro. O pacote representa um alívio financeiro para manter o esforço de guerra ucraniano contra a Rússia.

“Isto garante um financiamento firme e de longo prazo para a Ucrânia. A UE está assumindo a liderança e a responsabilidade no apoio, porque sabemos o que está em jogo”, disse presidente do Conselho Europeu, Charles Michel.

O Parlamento Europeu ainda precisa aprovar o fundo por maioria simples, o que deve ser feito sem sustos em votação ainda este mês. O primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, era quem impedia a unanimidade necessária para aprovar o pacote, proposto em dezembro, uma atitude que irritou vários governos europeus.

ISOLAMENTO. O veto rendeu acusações de que Orbán estaria usando o bloqueio para obter, em troca, a liberação de fundos que já deveriam ter sido enviados à Hungria, mas que a UE bloqueou em razão de violações das regras e de valores democráticos do bloco por parte do governo húngaro. Aparentemente, Orbán não recebeu nada material em troca para abrir mão do veto.



Policiais e manifestantes se enfrentam nas ruas de Bruxelas: pressão contra acordos comerciais

O que funcionou, segundo o *New York Times*, foi um jogo de pressão sobre Orbán. Alguns líderes ameaçaram suspender a Hungria. Outros contrabalançaram as ameaças oferecendo um ouvido amigo para escutar suas queixas de que os burocratas europeus não gostam dele por motivos ideológicos.

Força financeira
A ajuda da UE manterá a economia ucraniana funcionando pelos próximos quatro anos

O avanço foi importante para a Ucrânia e para a UE. A ajuda manterá a economia ucraniana pelos próximos quatro anos, mesmo com o socorro prometido pelos EUA travado no Congresso. Além disso, a aprovação demonstra a determinação europeia em apoiar a resistência contra a Rússia.

Agricultores protestam contra acordos com Ucrânia e Mercosul

Bruxelas viveu ontem um clima de guerra durante confronto entre policiais e agricultores, que protestam contra acordos comerciais considerados desvantajosos pelo agronegócio, especialmente com o Mercosul e a importação subsidiada de grãos da Ucrânia. Mais de mil tratores e máquinas agrícolas tomaram as avenidas da capital da Bélgica, sede da União Europeia, horas antes da cúpula do bloco.

Os protestos começaram na França, que registrou ontem bloqueio de estradas pelo 14.º dia consecutivo, ameaçando o abastecimento de Paris. Na quarta-feira, agricultores franceses e belgas interromperam a passagem em

um ponto da fronteira. Espanhóis, italianos e alemães também se juntaram à manifestação. Um dos principais pontos de tensão é o acordo com o Mercosul, que os agricultores alegam representar uma ameaça para o setor.

Os protestos ocorrem no contexto das eleições para o Parlamento Europeu, em junho. A extrema direita deve conquistar uma parcela considerável de assentos e os agricultores representam um eleitorado importante.

Países vizinhos da Ucrânia e membros da UE, como Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia e Eslováquia, também reclamam que as importações subsidiadas de produtos ucranianos prejudicam os agricultores locais. O bloco respondeu, ampliando subsídios e relaxando regras ambientais – mas ainda não contêve a insatisfação. ● AFP

Para chegar ao consenso, os líderes mais importantes da UE assumiram papéis variados, segundo o *New York Times*. Charles Michel fez o papel de bicho-papão, ameaçando tirar o poder de voto da Hungria – uma medida inédita que consta no livro de regras do bloco.

Na quarta-feira, entrou em cena a premiê da Itália, Giorgia Meloni, alinhada ideologicamente com Orbán. Em reunião na suíte executiva do Hotel Amigo, no coração de Bruxelas, ela lhe disse que a Hungria teria mais a ganhar se cooperasse.

Depois de Meloni veio o presidente francês, Emmanuel Macron, que sugeriu que a UE poderia incluir na resolução da cúpula um aceno às reclamações de Orbán, de que o bloco retém fundos da Hungria por preconceito ideológico.

Ao mesmo tempo, o húngaro sabia que perto dali outros líderes estavam reunidos para criticá-lo: o premiê holandês, Mark Rutte, o chanceler alemão, Olaf Scholz, além de Michel. Eles estavam dispostos a segurar o dinheiro da Hungria – e fizeram a notícia chegar aos ouvidos de Orbán.

PRESSÃO. No dia seguinte, o premiê húngaro capitulou, conseguindo apenas uma referência na conclusão da cúpula que pede que a UE aja de forma “proporcional” na hora de congelar fundos de países punidos por violações do bloco. Questionada se Orbán obtivesse alguma concessão em troca da retirada do veto, Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, foi seca. “A resposta é não.” Ainda assim, Orbán tentou sair por cima da disputa antes de voltar a Budapeste: “Missão cumprida”, escreveu ele nas redes sociais.

Com a aprovação, a Ucrânia respirou aliviada. “É importante que a decisão tenha sido tomada por todos os 27 líderes, o que prova a unidade da UE”, disse o presidente ucraniano, Volodymyr Zelenski. “O apoio fortalece a estabilidade econômica, a ajuda militar e a pressão sobre a Rússia.” ● AP, AFP e AP

Argentina

Após repressão, oposição deixa debate de ‘Lei Ônibus’

BUENOS AIRES

A oposição argentina abandonou ontem o debate da “Lei Ônibus” na Câmara dos Deputados em protesto contra a repressão policial. Nas proximidades do Congresso, o clima era novamente de tensão entre manifestantes e forças de segurança pelo segundo dia seguido.

O pacote com reformas econômicas e políticas é prioridade para o presidente Javier Milei, que já reduziu o texto praticamente pela metade na tentativa de aprová-lo. Ainda assim, restam centenas de artigos que precisavam ser votados individualmente. Os deputados entraram ontem no segundo dia de debate.

A oposição peronista e de esquerda priorizou ontem suas

críticas nas reformas do Código Penal que contemplam a criminalização dos protestos de rua, a privatização das empresas públicas e, sobretudo, nos “poderes delegados” que permitiriam que Milei governe por decreto em diversas áreas.

PROTESTOS. Antes de entrar no mérito da reforma, a oposição fez críticas à ministra da Segurança, Patricia Bullrich, e ao que chamou de “excessos” da operação policial montada na véspera para evitar que manifestantes bloqueassem vias no entorno do Congresso. ● AP e EFE

WikiLeaks

Ex-engenheiro de software da CIA pega 40 anos pelo maior vazamento de segredos da agência

Um ex-engenheiro de software da CIA foi condenado ontem a 40 anos de prisão pelo maior roubo de informações confidenciais da CIA e por posse de imagens de abuso sexual infantil. Em 2017, Joshua Schulte, de 35 anos, divulgou um tesouro de segredos da CIA pelo WikiLeaks. Ele está preso desde 2018. ●

Diplomacia

Chanceler do Equador rebate críticas de Nicolás Maduro ao presidente Daniel Noboa

A chanceler do Equador, Gabriela Sommerfeld, descreveu ontem como “muito fortes” as declarações do ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, sobre o presidente Daniel Noboa, a quem se referiu como “muito jovem”. “Não abra as portas do seu país para o diabo”, disse Maduro a Noboa. ●